

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 3 DE OUTUBRO DE 1862.

N. 22.

O ARTISTA.

O que é o artista entre nós ?

Conjunto de trabalho e miséria, e ao mesmo tempo de gloria e verdadeiro patriotismo; entendendo-se que a patria d'elle é o universo, que o seu labor contribue para ampliação e esmero do que mais perfeito se ha visto nas diversas artes.

Este ultimo topico demonstra-o a recém-exposição havida em Londres onde os artistas reunidos em confraria patentearam ao mundo a assiduidade de sua fadiga, o fruto d'acurado estudo, a sublimidade de dilatada intelligencia.

Resume-se n'isto a gloria do artista e o premio do seu patriotismo: outro não o tem ainda merecido na nossa terra, onde se olha para elle como automato preciso que se maneja com facilidade em occasião determinadas, dando-lhe por narcótico palavras fementidas e esperanças sempre fallazes.

A unica cousa com que o artista pôde contar é com o seu trabalho infimamente retribuido, por mais valor que tenha; e quando esse trabalho cessa bate-lhe a porta a miseria desconfiada de que n'aquelle alvergue ha privações apossa-se d'elle; a honra e a virtude espavoridas fogem pelas janellas e a miseria abre o trinco da porta á prostituição, á vergonha e bastas vezes ao suicidio e latrocínio.

Fallemos franco: aos nossos artistas com raras excepções, é o que tem succedido, succede e continuará a succeder porque a necessidade os obriga a crer em mentirosas promessas que lhes são feitas quando sobeveem as épocas eleitoraes, promessas que se abysmam no pélagos do esquecimento; quando aquelles que as faziam conseguirem os votos, para galgar um degrão na escada do poder, um assento em qualquer dos parlamentos, ou uma pasta que lhes ministre farda bem vistosa e com ella alta posição e pingue rendimento.

Só n'essas quadras é lembrado o artista; e para que?

Para servir d'alavanca a ambiciosos que, transpondo o limiar da porta d'um arcopago, sacodem para a rua a abnegação, o sentir patrio, os mais sagrados compromissos, e vão gladiar-se com injurias, no templo em que só deviam curar dos interesses dos seus constituintes, para desafoço de paixões pessoas ou alcance de posto mais eminente.

E o pobre do artista fica olvidado, os seus interesses são despresados, porque os procuradores que escolheu só tratam de si, e no fim d'um quatriennio é que tornam a lembrar-se d'elle para obter novo voto e maior ascensão.

E durante esse intervallo soffre o artista amargas provações e necessidades sempre crescentes, até que chegada a época de outra legislatura em novas esperanças é embalado, novas illusões lhe sorriem, e tudo isso se desvanece com o encerramento do parlamento que nada fez a seu favor e só curou de si.

Quereis saber como os artistas são tratados entre nós ?

Observai :

Com todo o afam foram convidados os artistas e industriaes para affluirem com o fruto do seu saber e trabalho á primeira exposição provincial.

Essa exposição realisou-se em dezembro do anno preterito; poucos foram os expositores, mas esses reputados dignos de premio pelo respectivo jury; onde estão porém, as medalhas com que deviam ser galardoados ?

Nas officinas na côrte ainda por fundir !

No entanto que a exposição universal de Londres, onde o concurso da arte, sciencia, industria e mechanica foi de milhares e milhares de pessoas, já distribuiu os premios a quem o jury internacional designou, tendo ella sido inaugurada em maio deste anno, isto é, 6 mezes depois da nossa.

Qual será a rasão d'isto ?

E' obvia, e resolve-se pela consideração que ao genio e trabalho se tributa no outro hemisphero, ao passo que no Brasil o apreço ao merito é remunerado unicamente com fofos palavrões que encobrem a falcidade d'uma promessa.

Os artistas devem despir-se d'acanhamentos, ter convicção do que valem á sociedade, reputarem-se, como de facto o são, membros proeminentes d'ella, e escolherem entre os da sua classe quem bem os possa representar em todos os actos publicos que lhes possam ser proveitosos.

Para isso nada mais se precisa que de —união— formarem um —gremio— onde se discuta com reflexão e placidez o que convem legalmente ao seu progresso e bem estar e dando um sorriso d'escarneo aos togados que buscam imbuil-os com dulcificações expressões, para á sua custa conseguirem posição, e que, obtida ella, se esquecem facilmente de quem lh'a proporcionou.

Só d' esta forma o artisia poderá prosperar, e com elle a arte a que se filiou.

(Extr. Apellido.)

Pedro e seu amo.

Apre que formodavel massada tenho levado nessa minha commissão ?

A cabo de chegar neste momento nã dando em suor, e pertendo emcima desta poltrona descansar meus pobres ossos, apreciando meu *werviche* até que chegue o Senr. meu amo a pedir-me conta do que tenho feito.

Safa que as orelhas ainda me estão xiando, esta cachola ferve como um formigueiro só de certas *cousinhas* que nella estão encerradas . . . bom ! ahi chega meu amo.

--Oh ! seja bem apparecido : então, que diabo de demora foi essa ? a mais de dez dias que você não procura a casa ; que comportamento é o seu Pedro ?

--Ah ; nhonhô , ainda estou bufando como um desesperado. Acabo agora mesmo de chegar ; esta cabeça arde-me como um volcão em chamas , esses meninos por ahí trazem-me n'um *cortado* uns dizem : *tão bom é Pedro como seu amo* , outros tratão-me com muito mimo , chamão-me de *Pedrinho* , offercem-me charutos , fasm-me mil rapapês , enfim , tudo quanto pode agradar , para ver se *Pedro* não diz nada delles : que *finorios* nhonhô ! porem Pedro que não se deixa levar pelas cantigas dessas *sereias* , *filla* charutos , aceita daquelle um *café* com *cognaque* lá no hotel , o outro faz outro tanto e assim vou passando deixando os taes meninos logrados e depois *bumba no caneco* !..

--Porem o que fez você em todo o tempo que cá não apparecêo ?

Eu já conto nhonhô : olhe , fui as nove-nas , a festa , a um baile fora da cidade , a outro no Paraiso , ao espectáculo no S. Pedro , ao Palacio de christal , corri a *sêca* e a *mêca* , e agora acho-me aqui *rente como pão quente* as ordens do nhonhô.

--Bom , muito folgo que tivesse andado tanto , e que visse boas cousas.

Cumprio com o que lhe ordenei Pedro ?

--Infalivelmente , nhonhô , e não éra de esperar outra cousa deste seu Pedro. Procurei , como nhonhô me disse , o moço de *barba loura* e com todo o respeito fiz-lhe ver o que se tinha passado ; porem o homem , nhonhô , não gostou nada da tal brincadeira , porque os outros cahirão -lhe na *pelle* que o não deixarão.

Ficou quente que não foi graça , porem immediatamente appliquei-lhe um pouco de *agua fria* para aplacar aquelle fogo que o queria devorar e felizmente fui bem succedido.

--E o que mais Pedro ?

--Na retirada encontrei na praça dous *janotas* que na occasião em que eu passava , disserão : *ahí vai o celebre Pedro que tem feito de nossa sociedade bailante o seu cavallo de batalha*.

--E o que lhes disseste ?

--Nada lhes pude dizer , nhonhô , porque hia bufando de desesperado , porem tractei logo de saber o que se dizia a respeito a essa sociedade que corria com vento a *pópa* e que a gora *encalhou*. Responderão-me que pertendião agora qual *Phe-nix* surgir rasgando as nuvens tempestuosas que toldão seu céo de venturas , dando logo que se encontrar casa , dous bailes no mesmo mez.

--Bom será : porem , conta-me o que mais ha ?

Como disse fui as nove-nas e por signal que sahi de lá com os meus calos bem zangados pelo grande aperto que havia. Domingo a noite , nhonhô , não se podia estar. Aquelle moço , nhonhô , que costuma andar de *luneta* , cahiu com os enporrões que davão , no cólo de uma preta velha que vende *amendoim torrado* no Mercado. Ah ! nhonhô , coitado do moço ficou tão *encalistrado* que éra pena.

Mas aposto que nhonhô não sabe a origem disto e de eu ficar com os callos aruinados ?

--Por certo que não , Pedro.

--Pois eu conto a nhonhô : depois que quizerão transformar a *Matriz* em igreja de S. Francisco não deixando lugar para os homens assim tem acontecido.

Pois eu nhonhô vi um moço que necessitava com urgencia fallar a uma pessoa que se achava na sacristia e quando o moço pede licença para entrar e communica a quem lhe veio abrir a porta o que dezejava ; immediatamente trancão o braço do pobre moço , na porta que depois , nem para fóra , nem para dentro. Valha-nos S. João de taes abuzos , que praticão certas pessoas depois que se achão no *pulciro* !

-- Bom , Pedro , como você viu isso para que não me esqueça recomendo-lhe já que quando sahir dirija-se a essa pessoa e diga-lhe que o seu comportamento durante essa festividade não foi muito bom. e que voce espera na não continuação de taes escandalos.

--Nhonhô , está certo quando se deu a 15 dias pouco mais ou menos um baile fora da cidade e que daqui forão muitas familias jantar nessa chacara onde se festejava não sei o que e que Pedro tambem foi a noite para servir as *senhoritas* no baile ?

--Sim, estou certo Pedro, e o que ha sobre isso ?

--O que ha nhonhô ? o que eu não julguei encontrar.

--Conta depressa moleque.

Pois bem , eu principio :

Em um dos dias do mez passado , houve uma grande e bôa reunião familiar em lugar um tanto retirado da cidade.

Nhonhô , sabe , que não era possivel se convidar a todos por que a couza foi arranjada repentinamente. As oito horas , Pedro que não *falha e sabe tudo* , vio que chegava. *madamismo* e os *gamenhos*. Muita festa , muita satisfação em todos , até eu , nhonhô , estava contente por que não ouvia se não dizer muito bom , está muito bom !

Porem , lá das 10 para as 11 horas , quando se tomava chá , Pedro andava com uma bandeja de bons e variados doces offerecendo a um e a outro.

Quando , se não quando , ao eu passar em frente a uma das janellas da sala grande... ah ! nhonhô , que susto ! quazi *dismaiei* e por um *tris* que a bandeja me cae no chão.

--E porque Pedro ?

--Oh ! nhonhô , eu vi. !

--O que Pedro ?

--Que couza feia na rua a espiar para dentro de caza nhonhô ! Eraõ... Eraõ... dous *vampiros* nhonhô , que pareciaõ querer engolir o *madanismo* que estava na sala !

--Oh ! é horrendo Pedro ! . . .

--Não , nhonhô , é *peor* ; se eu não fosse retinto creio que ficaria da cor de um dos *vampiros*

E eu conheci nhonhô , quem erãoelles . . .

--E não dizes ?

--Não.

--Porque ?

--Porque não ; porque é *compromellimento*. Só digo que todos dous estavam *espumando* e a baba , com a claridade da luz de um carro que estava na rua , se via bem , corria pelos cantos da bocca dos *meninos*. Coitadinhos perderão a quella *ocasião* !

O mais é , nhonhô , que de vez em quando eu via uma *mãosona* que apparecia , e éra doce que lhe dava pela janella á elles , e creio que

a *região gastronomic*a delles estava completamente em *cecca* de sorte que agarrão e *fogo pandulho* com elles !

Fallava-se também que la dentro , um outro *vampiro* , estava agarrado a uma bandeja que immediatamente por *arte de berliques e berloques* batendo trez pancadas fez desaparecel-a da vista dos espectadores passando invisivelmente para casa.

E que tal è o *môço da rebeca* nhonhô ? Deus nos *acude* e nos livre desses *finorios*.

Fui também ao *Paraiso*.

Na verdade aquillo estava bello , porem nhonhô sabe que em toda parte deve haver um *palhaço* que devirta ao povo , e quando isso não ha , sempre apparece *alguem* que pertende tornar-se *saliente* dando-se ao *desfructe* ou cousa que o valha.

--Mas o que quer você diser Pedro ?

--Eu quero mostrar que conheço quando *alguem* pertende mostrar seu espirito.

--Como assim ?

--E eu já conto : nesse baile , nhonhô houve um moço que chegou da corte , e esse moço com todo o seu *sans facon* *puchou o kankam* , e esse *kankam* , nhonhô , desagradou a algumas pessoas ; porque eu nhonhô entendo que alli , não é lugar proprio para semelhante *dansa* e julgo que na *côrte* não se usa d'aquillo. Alem disso , nhonhô , o *menino* apanhando *carangueijo* e fasendo suas partes no chão , *n'est pas joulé par un gamaim comme ça*.

Tens razão , Pedro , quando vires destes e doutros atija-lhe as botas sem *dó* nem *compaixão* . Irás procurar o tal *gamenho* ou *menino gaiato* e dirás que não gostaste nada de seu divertimento n'aquelle lugar onde tu julgas que é *improprio*.

--Com muito prazer , nhonhô , eu irei passar-lhe esse sabonete.

Depois nhonhô fui 3.^a feira a S. Pedro.

--E que viste de novo ?

--Estive no meu lugar competente , onde ninguem me *encommodava* ; porem confesso que não me *saptisiez* o *drama* , confesso nhonhô que os moços não tiveram desta vez bom gosto na escolha.

Os moços desempenharão bem como se esperava.

A vista do cemiterio estava magnifica , nhonhô , fasia honra ao *senographo*.

O que muito me encommudou foi ouvir um *quidam* que acha-se entre nós, que muito criticou de nossos actores.

--E você conhece elle Pedro?

--Tão somente de vista, nhonhô, porem os *meninos de capote* o chamão *moço do botão*, *c'est trop fort* nhonhô o tal titulo que agente do sul confere a esses *Dandys*

--Bom, Pedro, você, revista-se do seu *gaz*, toma a sua *luneta* que lhe comprei coloque-a no seu lugar competente e vá comprimental-o fazendo o seu *rapapès* e diga-lhe que os moços de quem elle criticou desejão vel-o em scena para apreciar-o, e que muito precisão de uma dama para aplactea, e para distribuição da parte elle que se deriga ao *Cravoieira* que muito se empenha para ter relações com esse *dandy*.

Optimo, nhonho, estou pronto, leste e agúdo, parto, já sem demora!

--Nhonho me explique que enigma é esse de andarem dizendo que o *Sultão do Palacio de Christal* recebeu um bilhete de cinco e que não acha *tróco*?

E' aquillo que eu as vezes te fasso quando não me andas direito...

--Ah! já entendi, *ergo*, *calatus est de bocorum*.

--Porem contudo Pedro, não foi bom comportamento de quem quer que assim praticou, pois isso não é acto de quem *veste uma camisa lavada* e que tem-se por alguma couza na sociedade. Por isso você procure qm. assim praticou se conhece e diga-lhe mesmo o que acabo de observar-lhe.

--Bom nhonho nada me será esquecido; e o que mas me ordena?

--Por óra sé vai, e espero que você não se demore tanto quanto desta vez. Não se esqueça do tal *vampiro* da bandeija de doce, do tal *namorado gastronomo* que a custa da *namorada chuchava* os doces tam bem não se esqueça, de diser a tal *sinhá* que não torne a favor mais *destas*. Não se esqueça tambem do *nosso critico*, e do *borloquiteiro* ou *gaiato* do Paraiso, e do *nosso imprudente* da igreja para que não abuze tanto e não tranque mais braço de ninguem.

Depois de assim fazer, passe de novo o

seu nariz e meta nesses lugares onde você vir que ha *couza*.

--La isso nhonho, não é das melhores couzas, porem já que assim ordena comprirei.

--*Saúde e patacas.*

Pedro e seu amo.

POESIA.

ERA UM ANJO . . .

Que é feito, meu Deus dessa vizão
Que n'um sonhar febril me appareceu?
Que é della, que inspirou-me amor tão puro
Nu'm só olhar que o peito embeveceu?

Que é feito, men Deus onde ella vive
Essa deidade, visão, ou seraphim?
Que é feito desse anjo que amei tanto
Que inspirou-me ternura, amor seu fim?

Que é feito meu Deus acazo en triste
Em vão procuro-a sem podel-a achar
Em vão suspiro, e vivirá meu peito
Só por ella d'amor sempre é chorar?

Sim que no sabe, talvez eu louco busque
Encontrar essa fada peregrina,
Essa fada de olhos tão divinos
Scintillantes qual estrella matulina

Meu Deus que febre, que sonhar aquelle
Que um anjo produzio-me a fantazia,
Um anjo, cujas formas e atractivos
Embeveceu minha alma de poesia

Agora eu quero vel-a e adora-la.
Linda como a vi, como a sonhei
Caminho noite e dia sem acha-la
E louco busco a visão que tanto amei.

Divinas formosa, tranças d'oiro bellas
Rosados labios, quaes jamais se vio . . .
Elle, era um anjo lá dos ceos descido
E batendo as azas para o ceo subio.

Ah! era um anjo! que doirou-me o sonho
E batendo as asas para os céos voltou
E eu hoje triste te procuro em balde
Como a avezinha o ninho que deixou.

Mas não meu Deus! de mim tem pena e dó
Que sinto em ancias palpitar-me o peito
Permitti que de novo, uma vez mais
De a ver o prazer me seja fsito.

Desterro, 2 de Outubro de 62. Tavyjú.